

**ḤAYYŪDJ, REVOLUÇÃO GRAMATICAL DO HEBRAICO E O סִאֲכִית לַיְיִן סֵאֲכִין לַיְיִן
SĀKIN LAYYIN “REPOUSO FRÁGIL”¹**

**ḤAYYŪJ, THE HEBREW GRAMMAR REVOLUTION AND THE סִאֲכִית לַיְיִן סֵאֲכִין לַיְיִן
SĀKIN LAYYIN “FEEBLE QUIESCENT”**

Fabio Faldini^{2*}

Resumo

A noção de que o verbo hebraico é trilateral e formado pela intercalação de dois morfemas – um consonantal, que lhe outorga o sentido abstrato, e outro transfixo, formado por vogais e consoantes que lhe definem o sentido concreto e materializado – remonta à segunda metade do século X, ao sábio andaluz Abū Zakariya’ Yaḥya Ibn Dāwūd, de Fez (Marrocos), mais conhecido como Ḥayyūdj. Neste artigo, apresenta-se quem foi este grande sábio, as suas obras e de forma sucinta o conceito gramatical que sustenta a teoria da trilateralidade do verbo hebraico por ele desenvolvida: o סִאֲכִית לַיְיִן סֵאֲכִין לַיְיִן sākin layyin “quiescente frágil”.

Palavras-chave: Hayyudj, repouso frágil e sakin layyin, gramática histórica

תקציר

הרעיון מאחורי התלת העיצוריות של הפועל העברי והרכבתו משני צורנים: צורך השורש המייצג משמעותו הערטילאית וצורך מסורג (או דגם תמאטי) המעניק את הגוון הסמנטי – מקורו במחצית השנייה של המאה העשירי

¹ Capítulo da dissertação de mestrado *Os Primórdios da Fonética e da Fonologia na Literatura Hebraica Medieval na Andaluzia em uma “Nova” Leitura da Messorá por Abū Zakariya’ Yaḥya Ibn Dāwūd Ḥayyūdj Alfesi* (2013).

^{*} Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

אצל רבי יהודה בן דוד חיוג' יליד פאס שבמרוקו. במאמר זה מציגים מי היה החכם הזה, את ספריו ומסבירים בקצרה את המושג הדקדוקי הבסיסי של תורת התלת העיצוריות שהוא פיתח שנקרא בערבית סאפן לִזֶן סַאכִּת לִנֶן. מושג זה תורגם לעברית לאורך הדורות כפי רווחו של המתרגם כ"נח נעלם", כ"נח נסתר", כ"נח רפה" או אפילו כ"שוכן חלק".

מלות מפתח:

הנח הנעלם, סאפן לִזֶן, חיוג', דקדוק-היסטורי

Ḥayyūdj

Quem foi Ḥayyūdj?

Segundo o crítico literário medieval andaluz Moshê Ben ‘Ezra, Abū Zakariya’ Yahya Ibn Dāwūd, de Fez (Marrocos), mais conhecido como Ḥayyūdj³, foi quem estabeleceu os fundamentos básicos da gramática hebraica:

Después de largo tiempo [...] hasta que Dios reveló los secretos de la lengua hebrea y su gramática; las letras débiles, las permutas de letras, la vocalización y los shewas, la asimilación y la contracción de letras y demás cuestiones gramaticales que tienen argumentos verdaderos y están apoyadas por la autoridad de *Abu Zakaryya Yahia ibn Dawd al-Fasi* apodado *Ḥayyūy* y sus discípulos [...] *Abu Zakaryya ibn Dawd al-Fasi*, luego *al-Qurtubi*, apodado por su nombre *Ḥayyūy*, fue autor de un libro: *Fi jumal al nahw al-ibrani* (Las oraciones e sintaxis hebrea). De este tema ya había hablado el presidente de la academia al-Fayyumi y algún otro, pero todos ellos omitieron el asunto de las letras débiles y las permutas de letras [...]⁴

O mesmo apreço por Ḥayyūdj era compartilhado por outros filólogos, como, por exemplo, Yehudá Ben Sha’úl Ibn Tibbon, na introdução de sua tradução ao *kitāb al-luma* ‘ de Ibn Djānaḥ:

essas duas famílias [a família das letras frágeis e a família das letras duplicadas], o modo como elas funcionam estava oculto, e as pessoas não entendiam o seu propósito até vir o grande mestre⁵, mestre da justiça⁶. [...] que revelou as profundezas da sabedoria, herói valente e guerreiro, conhecedor da sabedoria dos santos, o conselheiro e o conhecedor dos

³ Observa-se que neste estudo tomou-se o cuidado para reproduzir לָיִין סָאֵיִן foneticamente como Ḥayyūdj com <dj> em oposição a grafia Ḥaiuj com <j> apresentada por Kirschbaum, que pelo que parece, segue textos em inglês. Podemos citar: (SARA; MAUCK, 2005), mais de trinta artigos da Enciclopédia Judaica (2007) disponibilizada pelo endereço eletrônico go.galegroup.com, e os vinte e oito volumes da biblioteca digital www.publishersrow.com/jdl. De fato, a grafia Ḥayyūj com <j> é coerente para quem lê inglês, pois o <j> representa o <ג> /dʒ/ neste idioma. Porém, em português o <j> soa como /z/ de /jato/, e por este motivo não seria eloquente manter a transcrição inglesa. Curioso que na tradução da obra de Ashtor para o inglês grafaram Ḥayyūdj com <dj>. Outras duas grafias foram encontradas para o <ג> /dʒ/ de Ḥayyūdj: Ḥayyūğ com <ğ> e Ḥayyūy com <y>. A grafia Ḥayyūğ encontra-se nos textos de Goldenberg (GOLDENBERG, 2012, p. 65), em inglês; em textos em espanhol de Del Valle (VALLE RODRÍGUEZ, 1981, p. 225) e (VALLE RODRÍGUEZ, 2002, p. 265); e na tradução italiana da História da Língua Hebraica (SÁENZ-BADILLOS, 2007, p. 364). A grafia Ḥayyūy encontra-se nos textos em espanhol de Vallicrosa (VALLICROSA, 1968, p. 49), Robles (ROBLES, 1986, p. vii), Mas (MAS, 1986, p. 63), Delgado (DELGADO, 2005) e Patón (PATÓN; SÁENZ-BADILLOS, 2002, p. 109).

⁴ *Kitāb ‘al-muhadara wal-mudakara* de Moshê Ben ‘Ezra (MAS, 1986, p. 61-64 (espanhol) e p. 30 (árabe)).

⁵ “המורה הגדול”, heb. lit. “o grande mestre”, nota-se que esse é o mesmo adjetivo atribuído à ‘Aharon Ben ‘Asher pelo autor do colofon do Códice de Alepo.

⁶ “מורה צדק”, heb. lit. “ensina justiça”.

mistérios⁷, *Rabbi Yehudá Ben David*, mais conhecido como *Ḥayyūdj* de abençoada memória cuja sabedoria era superior [...] entendeu como elas funcionavam [as duas famílias mencionadas] e compreendeu o seu posicionamento, e fez o que planejou, guerreou contra elas [as duas famílias] e venceu, teve sucesso em tudo que vinha em sua frente [...]⁸.

Segundo 'Avraham Ben 'Ezra, antes de Ḥayyūdj, atuaram seis gramáticos: Se'ádia; o sábio de Jerusalém; Yehudá Ben Qoresh (Quraish); 'Adonim (Dunash) Ben Tamim; Menaḥem Ben Saruq; e Dunash Ben Labrat.

Estos son los nombres de los maestros de la lengua hebrea: [(1)] El *ga'on*, Rav Sē'ádyah de la ciudad de Pitom [...] [(2)] El sabio de Jerusalén⁹; [(3)] Rabbi 'Ádonim ben Tamim, el babilonio [de origem, mas vive na África do Norte [...] [(4)] Rabbi Yehudah ben Qoreš [...] [(5)] Rabbi Menaḥem ben Saruq [...] [(6)] Rabbi 'Ádonim ha-Levi ben Labrat, magrebí de la ciudad de Fez [...] [(7)] *Yēhudáh bar David*, *magrabí de la ciudad de Fez*, llamado *Ḥayyūy*, iniciado en los misterios (cf. Is 3:3) de lengua, superó a cuantos habían cultivado las ideas. Su pensamiento dio a luz cuatro libros que son el *Sefer ha-Nuah*, “libro de la quiescencia”, el *Sefer ha-kefel*, “Libro de la geminación”, el *Sefer ha-niqqud* “libro de la Puntuación” y el *Sefer ha-Qorḥah* “Libro de la calvicie”. Y a esos cuatro hijos les concedió Dios sabiduría (cfr. Da 1,17). [...] ¹⁰

Mesmo assim, 'Avraham Ben 'Ezra considera Ḥayyūdj como o primeiro gramático: “Disse Rabbi Yehudá, o *primeiro* gramático [...] (grifos nossos)”¹¹.

Quando e onde viveu Ḥayyūdj?

A vida de Ḥayyūdj é um mistério¹². Historiadores e gramáticos não se preocuparam em registrar quando nasceu e faleceu, onde viveu a maior parte de sua vida e quem foram seus

⁷ “חכם הרשימים”, heb. lit. “sábio dos sábios”.

⁸ Introdução de Yehudá Ibn Tibbon ao *kitāb 'al-luma'* de Ibn Djānaḥ (WILENSKY; TENE, 1964, p. 3), tradução e grifos nossos.

⁹ Especulações a respeito da identificação desse sábio como sendo o autor do famoso *Horayat HaQore* vide (PATÓN; SÁENZ-BADILLOS, 2002, p. 108, nota 21); Del Valle cita um manuscrito de S. Petersburgo onde se lê Yehudá HaNazir que compôs o *Maḥberet Ha'iggeret* que trata sobre o *daguesh* <⊕> e o *rafê* <⊖> e de todas as letras. Apesar de ser datado de 1264, Del Valle acredita que foi adulterado por caraitas (VALLE RODRÍGUEZ, 2000, p. 192, nota 6).

¹⁰ *Sēfer Moznaim*, tradução de Patón em (PATÓN e SÁENZ-BADILLOS, 2002, p. 107-110). Tradução alternativa em (VALLE RODRÍGUEZ, 2000, p. 192-194).

¹¹ *Sēfer Tsaḥot HaLašon* em (LIPPMANN, 1827, p. 1 verso, tradução).

¹² “לוטות בערפלי”, heb. lit. “envolta de mistério” (BASAL, 2001, p. 7).

mestres. Mas, graças ao depoimento anterior, subentende-se que: (a) ele era originário de Fez (“*’al-fasi’*”); e (b) viveu em Córdoba (“*’al-kurtubi’*”).

Do texto extraído do Livro da Tradição de ‘Avraham Ibn Dāwūd¹³ (1110-1180) pode-se situar Ḥayyūdj entre Ḥasday (915-961) e de Shemu’el Ibn Nagrella (993-?) escrever suas obras gramaticais:

Ainda há mais autores de livros sobre as Escrituras Sagradas como *R. Yehudá Bar David Alfesi*, de abençoada memória, conhecido como Ḥayyūdj, que tratou da língua sagrada de maneira clara depois de ter sido esquecida na Diáspora. E o R. Marianus, Ibn Djānah, completou o que iniciou *R. Yehudá Bar David*, de abençoada memória. E mais (autores como) R. Moshê Cohen Ibn Giqaṭilha e muitos outros [...] *no período do Nassí Ḥasda’y começaram a piar e na época de Shemu’el, o Naguid, soltaram a voz*¹⁴ (tradução e grifos nossos).

Na literatura acadêmica existe um consenso de que Ḥayyūdj faleceu antes de Córdoba ser atacada por volta do ano 1010¹⁵. Quanto à data de nascimento, alguns especulam que seja por volta de 940¹⁶; outros, por volta de 970¹⁷.

Tene acredita que Ḥayyūdj escreveu *todas* as suas obras aproximadamente no ano 1000¹⁸, todavia, data-las para o mesmo período é um pouco problemático, pois ele não considera que no *kitāb ’al-nutaf*, Ḥayyūdj revisa o conteúdo de suas obras gramaticais¹⁹.

Carlos Del Valle situa apenas o *kitāb ’al-līn* e o *kitāb ’al-miṭlayn* no ano 980 como anteriores às Críticas de Dunash contra Se’ádia, que segundo ele, foram redigidas por volta do ano 985²⁰.

¹³ Ou talvez Da’ur de acordo com ‘Azulay (5754, קרענגיל, p. 1).

¹⁴ (NEUBAUER, 1888, p. 81).

ועוד מחברי ספרים בכתבי הקדש כגון ר' יהודה בר דוד אלפסי ז"ל הנקרא חיוג שהעמיד לשון הקדש על בוריו אחר אשר נשכח בכל הגולה ור' מרינוס אבן גנאח גם הוא השלים כל מה שהתחיל ר' יהודה בר דוד זצ"ל ועוד ר' משה הכהן כן גיקטיליא ורבים אחרים וחקמים שכתבו לנו ספרים, בימי ר' חסדאי הנשיא התחילו לצפצף ובימי ר' שמואל הנגיד נתנו קול

¹⁵ (VALLICROSA, 1968, p. 51); (TENE, 2006, p. 28), (BASAL, 2001, p. 7), (DELGADO, 2004, p. 12, nota 8).

¹⁶ (BASAL, 2001, p. 7); (DELGADO, 2004, p. 12).

¹⁷(ASHTOR, 2004, p. 387). Nota-se que Ashtor não aceita a identificação de Ḥayyūdj com o aluno de Menahem, Yehudá Ben David, vide (ASHTOR, 2004, p. 453, nota 52).

¹⁸ (TENE, 2006, p. 25).

¹⁹ (BASAL, 2001, p. 14).

²⁰ (VALLE RODRÍGUEZ, 1988, p. 28).

A identificação de Ḥayyūdj com o homônimo aluno de Menaḥem

O resultado da pesquisa deste artigo traz luz sobre uma longa discussão que se arrasta desde os meados do século XIX até os dias atuais, acerca da identificação de Ḥayyūdj com o homônimo Yehudá Ben David, aluno de Menaḥem.

Segundo Kirschbaum, Ḥayyūdj foi aluno de Menaḥem: “Três de seus discípulos [de Menaḥem], Isaac Ibn Gīqāṭilha, Ibn Capron, e *Judá Ibn Daud Haiuj*” (grifos nossos)²¹, contudo, o autor não aponta alguma fonte que sustente essa afirmação. Porém, Del Valle e Sáenz-Badillos, dois estudiosos contemporâneos que se dedicam há décadas a explorar o renascimento da língua hebraica na Andaluzia medieval, sustentam opiniões opostas quanto à identificação de Ḥayyūdj com o aluno de Menaḥem. Representando a corrente inaugurada pelos irmãos Derenbourg²², Del Valle²³ aposta na tal identificação atrás de Aloni. Sáenz-Badillos²⁴ apoia a corrente daqueles que seguem Stern²⁵ e refuta praticamente todos os argumentos favoráveis à identificação.

Sáenz-Badillos observa que caso os Derenbourg estejam corretos, pode-se chegar ao absurdo de afirmar que Ḥayyūdj e talvez sua família²⁶ teriam se convertido ao cristianismo. Essa conclusão, compartilhada pelos partidários dos Derenbourg, foi baseada no poema dos alunos de Dunash Ben Labrat nas réplicas aos alunos de Menaḥem²⁷:

Y a Yehudah ben Dawd
reconocerán, ¡ay! desposeído

²¹ (KIRSCHBAUM, 2008, p. 57).

²² (DERENBOURG, 1880, p. X-XII). Outras fontes consultadas que compartilham da mesma opinião: (PINSKER, 1860, p. 160-161, em anexos), (GRAETZ, 5720/IV, p. 19) e (BASAL, 1992, p. 2 e p. 6-7).

²³ (VALLE RODRÍGUEZ, 2002, p.265 nota 104), (VALLE RODRÍGUEZ, 1981, p. 112, nota 266).

²⁴ (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRAS, 2003, p. 69).

²⁵ (STERN, 1870, p. LXXV).

²⁶ Sáenz-Badillos observa que a suposição de a família de Ḥayyūdj ter se convertido é mera especulação (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRAS, 2003, p. 69). A leitura dos textos que fazem referência à conversão ao cristianismo não citam a família. Basal em (BASAL, 1992, p. 290, nota 3) aponta a réplica de Yehudí Ben Shéshet em (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRAS, 2003, p. 22*-23* (hebraico) e p. 48 (espanhol)) como referência a suposta conversão do aluno de Menaḥem, homônimo de Ḥayyūdj, todavia, o nome de Ḥayyūdj não é mencionado.

²⁷ (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRAS, 2003, p. 69); (DELGADO, 2004, p. 13).

como el barro, el que inspecciona (será) aplastado
y su protección (serán) los cristianos²⁸
[...]
Confiasteis en un joven
jabali²⁹ venido del bosque
para hablar en la puerta
con palabras hábiles
(que es) Yehudah b. Dawd [...] ³⁰

Apesar da ausência de elementos textuais convincentes, Sáenz-Badillos crê que a família do aluno de Menaḥem era originária da Espanha cristã. Del Valle confirma essa suposição pelo fato de os alunos de Dunash chamarem Yehudá Ben David de falante de língua estrangeira (em hebraico לַיִין), termo normalmente utilizado para habitantes de países cristãos de fala latina³¹.

²⁸ (VARELA MORENO, 1981, p. 7* (hebraico), linha 50, p. 15 (espanhol)) ou (STERN, 1870, p. 8, linha 50, em Réplicas):

וליהודה בן דוד
יהודון הוי שדוד
כטיט הבוחן רידוד
קרומו הנוצרים
והוא הודקה בן דוד

Tradução oferecida por (VALLE RODRÍGUEZ, 1981, p. 579, linha 197):

A Yehuda Ben Daud
dirán: ay de tí, desgraciado,
como fango probado y aplastado
exclamarán los cristianos.

²⁹ (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRAS, 2003, p. 69); A suposição que apenas a família se converteu não encaixa nas réplicas dos alunos de Dunash, pois as acusações de “javali”, “estrangeiro” e entre outras foram voltadas diretamente à pessoa de Yehudá ben David.

³⁰ (VARELA MORENO, 1981, p. 71, linha 84 (hebraico), p. 18 (espanhol)) ou (STERN, 1870, p. 10, linha 84, em Réplicas):

וקויתם נער
חזיר בא מיער
לדבר בשער
במלים מכשירים

Tradução oferecida por (VALLE RODRÍGUEZ, 1981, p. 586):

esperabais a un muchacho
pero un puerco es el que llegó del bosque
para hablar en las puertas
con palabras adecuadas.
reconoce a ben Daud [...]

³¹ (STERN, 1870, p. 29 linha 23, em Réplicas), (VARELA MORENO, 1981, p. 21* (hebraico), p. 44 (espanhol)).

Se Ḥayyūdj fosse o aluno de Menaḥem, ele seria originário de países cristãos e não de Fez, como reportam 'Avraham Ibn Dāwūd e Moshê Ben 'Ezra. Aqueles que aceitam tal identificação harmonizam a questão supondo que, em algum momento, a família de Ḥayyūdj viveu em países cristãos e se converteu ao cristianismo³². Del Valle desenha o seguinte cenário: no período dos visigodos a família de Ḥayyūdj se converteu ao cristianismo para se salvar e de lá fugiram para Fez. Do Marrocos, a família retornou às suas raízes e migrou de volta para Córdoba³³. Com base em especulação do gênero Pinsker supôs que Ḥayyūdj acompanhou Menaḥem a Córdoba em uma de suas vindas de Tortosa³⁴.

Dada a fragilidade dos argumentos mencionados, defensores da tal identificação buscaram provas nas semelhanças que as obras de Ḥayyūdj tinham com as réplicas contra Dunash para corroborá-la. Basal lista, pelo menos, vinte itens gramaticais semelhantes, incluindo seus respectivos exemplos. A variedade de temas é diversa e refere-se aos planos ortográfico, fonético, fonológico, morfológico e ideológico. O argumento mais forte de Basal é a similaridade do termo “חונה” empregado pelo aluno de Menaḥem e o conceito do “repouso frágil”³⁵ apresentado por Ḥayyūdj no *kitāb 'al-tanqīṭ*³⁶.

O maior indício de que as obras de Ḥayyūdj e as réplicas do aluno de Menaḥem saíram do mesmo punho, segundo Delgado, são as semelhanças entre as obras de Ḥayyūdj e as réplicas³⁷. Entretanto, Ashtor refuta veementemente esse tipo de argumentação alegando que na idade média era comum um autor copiar do outro³⁸. A favor de Ashtor, Sáenz-Badillos

³² (DERENBOURG, 1880, p. X-XII), (PINSKER, 1860, p. 160-161, anexos), (BASAL, 1992, p. 8) e (BASAL, 2001, p. 8).

³³ (VALLE RODRÍGUEZ, 2002, p. 265, nota 104), (VALLE RODRÍGUEZ, 1981, p. 112, nota 266).

³⁴ (PINSKER, 1860, p. 160-161, anexos).

³⁵ (BASAL, 1992, p. 6-8).

³⁶ (SARA; MAUCK, 2005, p. 2-3).

³⁷ Delgado em (DELGADO, 2005, p. 186) atrás de Basal em (BASAL, 1992). Vale a pena notar que Delgado foi orientando de Sáenz-Badillos.

³⁸ (ASHTOR, 2004, p. 387). Nota-se que Ashtor não aceita a identificação de Ḥayyūdj com o aluno de Menaḥem, Yehudá Ben David, vide (ASHTOR, 2004, p. 453, nota 52). Recentemente Becker revelou trechos inteiros extraídos de gramáticas árabes no *kitāb 'al-luma'* de Ibn Djanah (BECKER, 1998) e na obra de Ibn Barun (BECKER, 2005). Caso o argumento de *semelhanças entre obras* fosse suficiente associariam gramáticos judeus a gramáticos árabes.

acrescenta novos argumentos: (a) a questão cronológica; (b) “Ḥayyūdj” é um apelido de origem não hebraica e não seria adequado para um aluno de um mestre que tem repulsa a idiomas estrangeiros como Menaḥem; (c) se Ḥayyūdj fosse o aluno de Menaḥem, porque ele não cita o mestre em nenhum momento e ainda tem coragem de se distanciar da opinião do tortosino? (d) é estranho Ḥayyūdj replicar a um compatriota em um local onde ideias de estrangeiros são mal vistas³⁹.

Como foi mencionado em Faldini (2013), pode-se dizer que os estudos sobre a doutrina gramatical de Ḥayyūdj só “começaram” trinta anos atrás, isto é, após Goldenberg decifrar adequadamente o conceito do “repouso frágil” no artigo *Sobre a (letra em) repouso frágil e a raiz hebraica* publicado em 1980⁴⁰. Percebeu-se que existe uma unanimidade a respeito da descoberta de Goldenberg, pois este artigo é citado por todos aqueles que tratam da doutrina gramatical de Ḥayyūdj⁴¹. Por outro lado, parece que linguistas contemporâneos leram mas não absorveram as críticas de Goldenberg, pois perpetuam vícios antigos baseados em um entendimento equivocado a respeito do “repouso frágil”. Em outras palavras, apesar de concordarem com Goldenberg, não conseguiram se desvincular do modelo mental tradicional daqueles que não entendiam direito o conceito do “repouso frágil”. Por esse motivo, os que sustentam que Ḥayyūdj é homônimo de Yehudá Ben David, aluno de Menaḥem, não conseguiram enxergar a grande diferença que há entre a visão sistêmica de Ḥayyūdj e as ideias espalhadas nas críticas dos alunos de Menaḥem e na literatura que o antecedeu⁴².

³⁹ (SÁENZ-BADILLOS e TARGARONA BORRAS, 2003, p. 68-70);

⁴⁰ Com base em argumento semelhante Goldenberg afasta a possibilidade de o autor do livro com as críticas contra Se‘ádía ser predecessor da resolução da trilateralidade verbal. Goldenberg vê que este autor, muito embora faça alusão às letras em “repouso frágil”, não apresenta uma teoria sólida se comparada com a exposição oferecida Ḥayyūdj (GOLDENBERG, 1979-1980, p. 291-292).

⁴¹ (SIVAN, 1989), (MORAG, 5751), (BASAL, 1992), (ELDAR, 1998), (VALLE RODRÍGUEZ, 2002), (DELGADO, 2004) e (SARA; MAUCK, 2005). Nota-se que Goldenberg, dezoito anos mais tarde, provou como a teoria verbal de Ḥayyūdj com base na letra em *repouso frágil* está de acordo com o mesmo princípio que rege as línguas semíticas (GOLDENBERG, 1998). Recentemente Goldenberg, em um artigo que explica a adaptação da quantidade vocálica do árabe ao hebraico, associou o conceito abstrato do *repouso frágil* ao *arquifonema*. (GOLDENBERG, 2012).

⁴² Como foi mencionado, Ḥayyūdj não começou a partir do zero.

Por outro lado, dada as semelhanças entre os textos de Ḥayyūdj e as réplicas dos alunos de Menaḥem, pode-se supor que Ḥayyūdj foi aluno de Menaḥem ou pertencente a uma escola afiliada a Menaḥem. Ou como dizia Morag, Ḥayyūdj expandiu a teoria da letra em “repouso frágil” que teve seu início nas réplicas dos alunos de Menaḥem⁴³. Apesar de ser considerado aluno de Menaḥem, não deixou de aproveitar as novidades trazidas por rivais de Menaḥem⁴⁴.

Quando Ḥayyūdj escreveu suas obras?

A fim de contextualizar as obras de Ḥayyūdj histórica e gramaticalmente, é preciso delimitar em qual período ele as redigiu⁴⁵. Segundo os dados coletados da literatura consultada, é possível delimitar as obras de Ḥayyūdj como não anteriores ao ano 965 e não posteriores a 1012.

Com certeza, as obras de Ḥayyūdj não podem anteceder a década do ano 960, pois Ḥayyūdj certamente as escreveu após a divulgação do *Maḥberet Menaḥem*. Uma das evidências que sustentam a redação do *kitāb 'al-līn* após o *Maḥberet* é a citação poética⁴⁶, por ele criticada⁴⁷, extraída do *Maḥberet Menaḥem* segundo aparato crítico de Sáenz-Badillos:

”הן נמצא האדם נודע טרם הבראו ומקודש טרם צרותו”⁴⁸.

⁴³ “תורה זאת [...] יסודה במשנה הלשונית של תלמידי מנחם” Esta teoria [das (letras) em “repouso frágil”] está baseada na doutrina gramatical dos alunos de Menaḥem (MORAG, 5751, p. 219); (MORAG, 1992, p. 35, nota 43) “נראה שאין” “הם אחד” “pelo que parece [Yehudá Ben David e Ḥayyūdj] não são a mesma pessoa”.

⁴⁴ (BASAL, 1992, p. 10).

⁴⁵ Isto é, o *kitāb 'al-tanqīṭ*, o *kitāb 'al-līn*, o *kitāb 'al-miṭlayn* e o *kitāb 'al-nuṭaf*. Não está se considerando a participação de Ḥayyūdj na redação das réplicas às críticas de Dunash.

⁴⁶ (SÁENZ-BADILLOS, 1986, p. 36*, aparato crítico).

⁴⁷ Chama atenção o fato de Sáenz-Badillos preferir a versão corrigida proposta por Ḥayyūdj. A versão do *Maḥberet Menaḥem* proposta por Sáenz-Badillos coincide com o texto editado em (FILIPOWSKY, 1854, p. 21). Dukes em (DUKES, 1844, p. 1, nota 2) aponta que essa citação encontra-se no *Tsaḥot* de 'Avraham Ben 'Ezra (LIPPMANN, 1827, p. 47b) e não faz referência para Menaḥem como faz Nutt, (NUTT, 5630/1870, p. 4, nota 1). Interessante o fato de 'Avraham Ben 'Ezra citar a mesma passagem encontrada em nome de Ḥayyūdj comentando que “Ḥayyūdj riu de um poeta”, como se ele não soubesse que a fonte de Ḥayyūdj fosse o *Maḥberet Menaḥem*. Essa pode ser uma evidência que o *Maḥberet Menaḥem* que estava nas mãos de 'Avraham Ben 'Ezra já estava adulterado.

⁴⁸ (DELGADO, 2004, p. 35, nota 1); Segundo Dukes citado por Nutt em (NUTT, 5630/1870, p. 4, nota 1).

Outra evidência é a semelhança de conteúdo entre as obras de Ḥayyūdj e os livros envolvidos na querela entre Menaḥem e Dunash, isto é, o *Maḥberet Menaḥem*, as críticas de Dunash, as réplicas dos alunos de Menaḥem e as tréplicas dos alunos de Dunash⁴⁹. Se as críticas do aluno de Dunash foram redigidas entre os anos 960 a 990⁵⁰, pode-se estimar que Ḥayyūdj não começou suas atividades antes do ano 960.

Não há dúvida que Ḥayyūdj terminou sua última obra, o *kitāb ‘al-nuṭaf*, antes de 1012⁵¹, pois nesse ano Ibn Djānaḥ cita Ḥayyūdj no *kitāb ‘al-mustalḥaq*, em árabe, com a honra póstuma “de abençoada memória” que é utilizado em meios judaicos para falecidos⁵².

As obras de Ḥayyūdj

Ḥayyūdj escreveu quatro⁵³ obras em judeu-árabe, três gramaticais e uma exegética⁵⁴. Das três primeiras, duas se tornaram mais famosas e ganharam destaque na literatura gramatical posterior, por outro lado, a última por pouco não caiu no olvido.

As duas obras gramaticais mais famosas: o kitāb ‘al-līn e o kitāb ‘al-miṭlayn

O *kitāb ‘al-līn* Livro sobre a Fragilidade e o *kitāb ‘al-miṭlayn* Livro sobre as Letras Duplicadas são as duas obras mais citadas e elogiadas na literatura gramatical posterior a Ḥayyūdj.

Três obras gramaticais de Ḥayyūdj são citadas na literatura gramatical posterior, mas as

⁴⁹ (DELGADO, 2004, p. 113).

⁵⁰ Em torno do ano de 960 (VALLE RODRÍGUEZ, 1988). De 970-990 (VARELA MORENO, 1981, p. 6).

⁵¹ (TENE, 2006, Introdução). A afirmação de Tene que “Ḥayyūdj faleceu *anos antes* de Ibn-Djanaḥ redigir o *kitāb ‘al-mustalḥaq*” (grifos nossos), não tem fundamento científico.

⁵² (TENE, 2006, p. 3).

⁵³ (SARA; MAUCK, 2005, p. xxii). Abramson ao discutir se há possibilidade de existir alguma obra de Ḥayyūdj desconhecida, além dos quatro livros conhecidos, conclui: “על כל פנים אין להפש ספרים אחרים של חיוג”, tradução: “de qualquer maneira não se deve buscar outras obras de Ḥayyūdj [além dos quatro conhecidos]”.

⁵⁴ (BASAL, 1992, p. 3).

duas foram destacadas nas introduções das traduções de (a) Yehudá Ben Sha'úl Ibn Tibbon ao *kitāb 'al-luma*⁵⁵ e de (b) Ovádía HaSefaradí ao *kitāb 'al-mustalḥaq*⁵⁶, ambas de autoria de Ibn Djānaḥ, (c) na introdução de Moshê Ibn Gīqāṭilha ao *kitāb 'al-līn*⁵⁷ de Ḥayyūdī e (d) na introdução de Ibn Parḥon ao seu léxico. O discurso de todos é o mesmo, reconhecem Ḥayyūdī por ter trazido a solução definitiva para problemas que muitos se empenharam em resolver, mas sem sucesso. O *kitāb 'al-līn* solucionou a questão dos verbos fracos e como lidar com as letras <א, ה, ו, י, >; e o *kitāb 'al-miṭlayn* resolveu o problema dos verbos com duas letras iguais consecutivas na raiz.

Em princípio, parece que Ḥayyūdī resolveu uma questão limitada à morfologia dos verbos fracos e dos verbos com letras duplicadas, conforme os nomes dos dois livros indicam. Mas segundo a reanálise apresentada em Faldini (2013), o problema das letras do grupo <א, ה, ו, י, > que assolava os gramáticos e filólogos até Ḥayyūdī era muito mais profundo e extravasava o plano morfológico, como sugere a leitura superficial em nome dos gramáticos supracitados, mas permeou os planos ortográfico, fonológicos segmental e suprasegmental, além do principal, o morfológico.

Os nomes originais das duas obras mais famosas variam na literatura e nos manuscritos. O nome *kitāb 'al-līn* é a variante mais curta e a mais longa é כתאב אלאפעל דואת חרוף אללין ואלמד *kitāb 'al-af' al dawāt 'al-ḥurūf 'al-līn wa-l-madd* Livro sobre os Verbos com Letras Frágeis e de Prolongação⁵⁸. O nome *kitāb 'al-miṭlayn* é a variante mais curta e a mais longa é כתאב אלאפעל דואת חרוף אלמלתין *kitāb 'al-af' al dawāt 'al-ḥurūf 'al-miṭlayn* Livro Sobre os Verbos Com Letras Duplicadas⁵⁹.

⁵⁵ (WILENSKY; TENE, 1964, p. 2), ou (PHILLIPSON; JOST; JELLINEK, 1856, p. I).

⁵⁶ (TENE, 2006, p. 3).

⁵⁷ (NUTT, 5630/1870, p. 1-2).

⁵⁸ (DELGADO, 2004, p. 16). Foram apresentadas as duas variantes, a mais curta e a mais longa, todavia existem variantes intermediárias.

⁵⁹ Vide nota anterior.

As traduções⁶⁰ do nome *kitāb ‘al-miṭlain* para o hebraico, segundo o título que consta nas edições de Nutt e Dukes é ספר פעלי הכפל *Livro sobre os Verbos com Letras Duplicadas*⁶¹. Em todas as fontes consultadas, as variantes do nome não apresentaram diferenças importantes, uma vez que a palavra הכפל, heb. lit. duplicação (de letras iguais), indica o objetivo do livro univocamente.

O mesmo não ocorre com as traduções do nome *kitāb ‘al-līn*. Em princípio, os nomes ספר אותיות הנח *Livro sobre as Letras em Repouso* (‘Avraham Ben ‘Ezra) ספר אותיות הסתר *Livro sobre as Letras Ocultas* (Moshê Ibn Gīqāṭilha)⁶² e ספר אותיות הרפיון *Livro sobre as Letras Moles* (Ibn Tibbon)⁶³ são variantes⁶⁴, cujo contexto semântico é o mesmo, isto é, o *Livro Sobre as Letras* <א, ה, ג, י>. Porém, uma análise mais atenta revela que os tradutores tiveram dificuldade para encontrar um termo em hebraico que equivalesse ao conceito “repouso frágil” postulado por Ḥayyūdj e que, segundo Goldenberg⁶⁵, é a pedra fundamental de toda a doutrina gramatical exposta nesses livros.

A provável justificativa da discrepância acentuada nas traduções do título *kitāb ‘al-līn* pode ser atribuída ao dilema que os tradutores estavam enfrentando: havia divergências em gramáticas árabes da época em relação à definição da função das letras frágeis na estrutura das

⁶⁰ A primeira tradução para o Hebraico foi elaborada pelo cordobês Moshê Ibn Shemu’el, conhecido como Ibn Gīqāṭilla, que segundo o texto que aparece no final da edição de Nutt, a tradução foi feita a pedido de Rabbi Yitshaq Ibn Shelomo, o Nassi (hebr. líder) (NUTT, 5630/1870, p. 120). Segundo Patón, Moshê Ibn Gīqāṭilha foi aluno de Ḥayyūdj (PATÓN; SÁENZ-BADILLOS, 2002, p. 17); ‘Avraham Ben ‘Ezra ao passar por Roma (c. 1140) ofereceu uma nova tradução por rejeitar a tradução de Ibn Gīqāṭilha (DUKES, 1844, p. 178, nota 1). Abramson observa que essas duas traduções são diferentes basicamente pelo uso da língua hebraica e da terminologia gramatical (אברהמסון, 1988, p. 161). No decorrer da discussão deste estudo, algumas diferenças merecerão destaque. Ewald e Dukes editariam esse trabalho de ‘Avraham Ben ‘Ezra em 1844 acompanhado da tradução para o alemão (DUKES, 1844). Segundo Abramson havia outras traduções, mas apenas as mencionadas foram impressas (אברהמסון, 1988, p. 161). Nutt comenta que existe a tradução de Yitshaq Ben ‘El‘azar em manuscrito, no livro *Sefāt Yêter*, mas ainda não foi editada (NUTT, 5630/1870, p. X (introdução em inglês)).

⁶¹ No *kitāb ‘al-mustalḥaq* traduzido por ‘Ovādía HaSefaradi traduz *kitāb ‘al-miṭlayn* como ספר בעלי הכפל (TENE, 2006, p. 3).

⁶² Nome que consta no Corpus das traduções de Moshê Ibn Gīqāṭilla (NUTT, 5630/1870, p. 1).

⁶³ *Kitāb ‘al-luma* em árabe ou *Sēfer HaRiqmá* em hebraico segundo a tradução de Yehudá ben Sha’úl Ibn Tibbon (PHILLIPSON; JOST; JELLINEK, 1856, p. XII).

⁶⁴ Outras variantes, no final da primeira parte do *kitāb ‘al-līn*: “Fim do primeiro discurso do livro *‘Maḥberet ‘Otiot HaNoaḥ VeHaMesekh*” [caderno sobre as letras frágeis e de prolongação]” (PHILLIPSON; JOST; JELLINEK, 1856, p. 32); e no final da terceira parte: “Fim do terceiro discurso do livro *Maḥberet ‘Otiot haNoaḥ*”, lit. “Caderno sobre as letras frágeis” (PHILLIPSON; JOST; JELLINEK, 1856, p. 98).

⁶⁵ (GOLDENBERG, 1979-1980, p. 281-292).

palavras⁶⁶; a realidade da língua árabe, em relação aos verbos fracos, é diferente, pois em árabe existem vogais longas (o hebraico, por outro lado, não possui a distinção entre vogais breves e longas); e o conceito do “repouso frágil” como foi proposto por Ḥayyūdj estendia o conceito de “repouso” concebido por gramáticos árabes.

As mesmas dificuldades puderam ser observadas na instabilidade das traduções para o inglês. Nutt traduz o nome do livro *Sēfer 'Otiot HaNoaḥ VeHaMeshekh* (hebr.) como *Book on the Latent and Lengthening Letters (Livro das Letras Ocultas e de Prolongação)*. Nas referências bibliográficas do artigo de Basal que saiu na *Encyclopaedia of Hebrew Language* em 2013 o nome do mesmo livro é *Two Treatises on verbs containing Feeble and Double Letters* e a referência à edição de Jastrow (1897) é *The Weak and Geminative Verbs*.

Nas traduções para o espanhol ocorre o mesmo. Delgado (2004) traduz o nome do livro direto do árabe como *Libro sobre los verbos que contienen letras débiles y de alargamiento*. Sáenz-Badillos, no lugar de “débiles” utiliza “quiescentes”⁶⁷.

Este artigo buscará preencher esta lacuna relacionada ao “repouso frágil”, devido ao fato de a questão da tradução mal sucedida do “repouso frágil” reverberar negativamente em toda a literatura gramatical, a ponto de deixar monografias e dissertações dúbias e confundir leitores, como adverte Goldenberg⁶⁸.

A obra gramatical menos famosa: o kitāb 'al-tanqīṭ

O כתאב אל־תנקה׳ט *kitāb 'al-tanqīṭ Livro sobre os Sinais Massoréticos* é a obra gramatical de Ḥayyūdj menos conhecida. Apesar do *kitāb 'al-tanqīṭ* não ter sido aclamado na literatura como uma obra importante conforme discutido no tópico anterior, ele estava presente como

⁶⁶ (GOLDENBERG, 1979-1980, p. 281-292).

⁶⁷ (PATÓN e SÁENZ-BADILLOS, 2002, p. 109).

⁶⁸ Goldenberg em comunicação pessoal via correio eletrônico.

anexo na maioria dos manuscritos do *kitāb ‘al-līn* e do *kitāb ‘al-miḡlayn*⁶⁹ e foi citado por gramáticos posteriores⁷⁰, mas com menos frequência⁷¹.

Segundo Delgado, além do nome *kitāb ‘al-tanqīṭ* encontram-se mais duas variantes com o mesmo sentido: שְׂרֹוֹת אֲלִנְקָט *kitāb šurūt ‘al-naqt* *Livro sobre a Normativa dos Sinais Massoréticos* e כְּתָאב אֲלִנְקָט *kitāb ‘al-naqt*. Nota-se que os três nomes citados compartilham a raiz verbal árabe √nqt, hebr. lit. pontuar, introduzir sinais vocálicos (pontos).

O objetivo do *kitāb ‘al-tanqīṭ*, como o próprio nome informa, é apresentar o sistema de *niqqud*, mais especificamente, os *sinais massoréticos* de origem tiberiense.

Nesse livro, Ḥayyūdj explica a necessidade de existir dois símbolos para o fonema /a/ e outros dois para o fonema /e/; discute a acentuação melismática; estende a definição da trilateralidade verbal para os verbos fracos; redefine os conceitos de מִלְעִיל *mil‘él* e מִלְרַע *milrá‘*; e discute transformações causadas pelos sinais melismáticos.

A obra exegética de Ḥayyūdj – o kitāb ‘al-nutaf

No mundo acadêmico, o conteúdo do *kitāb ‘al-nutaf* era um mistério até que fragmentos desse livro foram editados pela primeira vez por Kokowzoz em 1916. Desde então, outros fragmentos foram divulgados, mas somente quase um século depois, se tornaram acessíveis ao público, depois de compilados, reestudados, traduzidos e comentados por Basal (2001) em hebraico moderno⁷², confirmando a tradição transmitida por Tanḥum Yerushalmi⁷³.

Os manuscritos da obra exegética de Ḥayyūdj não chegaram completos e nos

⁶⁹ De acordo com a descrição dos manuscritos em (DELGADO, 2004, p. 31-33) e (DELGADO, 2005, p. 189-193).

⁷⁰ (PHILLIPSON; JOST; JELLINEK, 1856, p. 56). Segundo Wilensky, o *Séfer HaNiqqud* é citado 14 vezes no *kitāb ‘al-luma‘* (WILENSKY; TENE, 1964, p. 492).

⁷¹ Segundo Wilensky, o *kitāb ‘al-luma‘* cita o *kitāb ‘al-līn* 63 vezes e o *kitāb ‘al-tanqīṭ* 14 vezes (WILENSKY; TENE, 1964, p. 492); Segundo Basal, o *kitāb ‘al-nutaf* de Ḥayyūdj cita 16 vezes o *kitāb ‘al-līn*, 9 vezes o *kitāb ‘al-miḡlayn*, mas nenhuma vez o *kitāb ‘al-tanqīṭ* (BASAL, 2001, p. 305).

⁷² (DELGADO, 2005, p. 21).

⁷³ (1988, אברהם מסון, p. 25).

fragmentos remanescentes não há menção do nome da obra e nem do autor. Análises dos manuscritos levaram estudiosos a relacioná-los com o *kitāb 'al-nuṭaf*⁷⁴, cuja tradução pode ser *Livro da Calvície* ou *Livro das Coletâneas*, citado por Tanḥum Yerushalmi como sendo a última obra de Ḥayyūdj⁷⁵.

Basal⁷⁶ classifica o conteúdo do *kitāb 'al-nuṭaf* em alusivo⁷⁷, certificativo⁷⁸, explicativo⁷⁹, retrativo⁸⁰ e inédito⁸¹.

A ordem cronológica das obras gramaticas

Segundo a lista de 'Avraham Ben 'Ezra, o primeiro livro redigido por Ḥayyūdj foi o *Livro sobre as Letras Frágeis*; o segundo, o *Livro sobre as Letras Duplicadas*; o terceiro, o *Livro sobre os Sinais Massoréticos*; e o último, o *Livro da Calvície*. A ordem proposta por 'Avraham Ben 'Ezra foi atestada em manuscritos que continham os três primeiros livros na ordem citada. Apesar de os autores listados por 'Avraham Ben 'Ezra estarem em ordem cronológica, a ordem dos livros de Ḥayyūdj parece não estar.

Delgado crê que o primeiro livro de Ḥayyūdj foi o *Livro sobre os Sinais Massoréticos*. Para sustentar essa afirmação, Delgado apresenta os seguintes argumentos⁸². No *kitāb 'al-tanqīṭ*, Ḥayyūdj chama as letras que compõem a raiz verbal de duas maneiras, ora como *حرف* *ḥarf* “letra” em árabe, ora com o paradigma *פּעל pa'al* (פּ *pé* para a primeira letra radical, *ע* *ain* para a segunda e *ל* *lamed* para a terceira), enquanto no *kitāb 'al-līn* e *kitāb 'al-miṭlayn*,

⁷⁴ Existe uma discussão acerca de como ler esse nome e sobre a existência de outros possíveis nomes para essa obra em (BASAL, 2001, p. 10-13) e em (BASAL, 1992, p. 25-26).

⁷⁵ (DELGADO, 2004, p. 21); e (BASAL, 2001, p. 12).

⁷⁶ Segundo (DELGADO, 2004, p. 21-22); e (BASAL, 2001, p. 39-44).

⁷⁷ Fazer referência a explicações anteriores citando ou não a fonte.

⁷⁸ Confirmar explicações expostas em dúvida nas obras anteriores.

⁷⁹ Desenvolver melhor temas mal explicados.

⁸⁰ Voltar atrás de explicações propostas em obras anteriores.

⁸¹ Trazer ideias novas que não foram expostas em obras anteriores.

⁸² (DELGADO, 2005, p. 188).

utiliza apenas o paradigma פִּעַל *pa'al*⁸³. No *kitāb 'al-tanqīṭ*, Ḥayyūdj reconhece quatro letras frágeis <א, ה, ו, י> enquanto no *kitāb 'al-līn* que é obra dedicada para esclarecê-las, as reduz a três, excluindo a letra <ה>⁸⁴. No *kitāb 'al-tanqīṭ* a nomenclatura das vogais <ִ, ֵ, ֶ, ֹ>, respectivamente *qamats gadol*, *qamats qaton*, *pataḥ gadol* e *pataḥ qaton*, será substituída no *kitāb 'al-līn* e no *kitāb 'al-miṭlayn* por *qamats*, *tsêre*, *pataḥ* e *sego*⁸⁵. Segundo Delgado, há uma referência ao *kitāb 'al-tanqīṭ* no *kitāb 'al-līn*⁸⁶.

A (letra) em repouso frágil סֵאִין לַיִין סֵאִין לַיִין sākin layyin: a base da doutrina gramatical de Ḥayyūdj

A origem da terminologia de Ḥayyūdj

Segundo Basal, todos os conceitos linguísticos empregados nos textos de Ḥayyūdj podem ser localizados na literatura gramatical árabe, fato que teoricamente aumentaria o espectro literário disponível para verificar traduções de conceitos gramaticais para o português. Todavia, há um conceito excepcional⁸⁷ que, de acordo com Goldenberg⁸⁸, seria a base da doutrina gramatical de Ḥayyūdj e a solução para os verbos fracos: o estado de סֵאִין לַיִין סֵאִין לַיִין⁸⁹ que, de acordo com Goldenberg⁸⁸, seria a base da doutrina gramatical de Ḥayyūdj e a solução para os verbos fracos: o estado de סֵאִין לַיִין סֵאִין לַיִין⁹⁰.

⁸³ (DELGADO, 2005, p. 188).

⁸⁴ (DELGADO, 2005, p. 188).

⁸⁵ (DELGADO, 2005, p. 188).

⁸⁶ (DELGADO, 2005, p. 188); (DELGADO, 2004, p. 18):

Mas no es nuestra intención aburrir a causa de la extensión ni salirnos del propósito de este tratado, pues ya *he explicado* estas vocales que contiene la lengua hebrea de una manera clara y detallada y he aclarado *las posiciones del pataḥ y del qamets* de una forma satisfactoria (grifos nossos).

Todavía é importante observar que o nome do *kitāb 'al-tanqīṭ* não aparece.

⁸⁷ (BASAL, 1999, p. 229).

⁸⁸ (GOLDENBERG, 1979-1980, p. 288): “[...] הוא אבן פינה לכל תורתו של חייג” lit. “[...] o *sākin layyin* [...] é a pedra angular de todos os ensinamentos de Ḥayyūdj” (tradução e grifos nossos).

⁸⁹Transcrição em árabe consoante as edições de (JASTROW, 1903) e (SARA; MAUCK, 2005). Os diacríticos foram aqui adicionados conforme (GOLDENBERG, 1979-1980, p. 288).

⁹⁰Transcrição do árabe em letras hebraicas de acordo com a edição de (DELGADO, 2005).

לִּינְיָ *sākin layyin*⁹¹ “repouso frágil” das letras <א, ה, ו, י>.

A concepção da “fragilidade” das letras em “repouso” e sua origem na Messorá

O conceito לִּינְיָ סָאִיִּת לִּינְיָ *sākin layyin* “repouso frágil” introduzido por Ḥayyūdj foi aplicado as letras <א, ה, ו, י>. Elas compõem um grupo especial de letras que podem ser suprimidas da dicção e, por sua vez, apagadas da escrita. A concepção de letras suprimidas na dicção teve sua origem na Messorá.

Pode-se questionar, então, qual foi a grande descoberta de Ḥayyūdj sabendo-se que os massoretas registraram a supressão fonética das letras <א, ה, ו, י>?

Na realidade, a grande diferença entre Ḥayyūdj e seus antecessores estaria em seu poder de abstração para extrair as regras fonológicas que regem o comportamento das letras que podem chegar ao estado de “repouso frágil”. Os massoretas indicaram quais letras estariam em “repouso frágil”. Não havia regras. Eram indicações pontuais e técnicas para escrita ou para leitura. Ḥayyūdj descobriria as regras que regem as indicações técnicas apontadas pelos massoretas.

Em suma, seria possível afirmar que o conceito das letras em “repouso frágil” teve seu início embrionário na Messorá, começou a ser lapidado pelos primeiros filólogos andaluzes e, por fim, inspirado pela gramática árabe, Ḥayyūdj definiu o “repouso frágil” como uma entidade gramatical abstrata para solucionar, principalmente, a questão dos verbos fracos.

Gramáticos árabes distinguiram entre letras e vogais. As letras eram הַרְוּף חֲרוּף *hurūf*, pl. de הַרְוּף חֲרוּף *ḥarf* “letra”⁹². O conceito de letra na literatura medieval era amplo e se parece com o mesmo encontrado em gramáticas gregas e latinas nas quais se considerava a letra do

⁹¹Transcrição extraída de (BASAL, 2013) e (GOLDENBERG, 2012). Nota-se que em (SIVAN, 1989) aparece equivocadamente *sākin layyin*.

⁹²(SARA; MAUCK, 2005, p. 137) e (CAMARA JR., p. 198 e 244).

alfabeto como se fosse um símbolo gráfico que representaria o grafema, o fonema e o seu nome por extenso:

Os gramáticos latinos focalizaram três aspectos distintos na letra:

- 1) a sua forma gráfica (*figura*),
- 2) seu nome convencional (ex: “ele” para l) (*nomen*),
- 3) o seu valor fonético (*potestas*) (cf. Abercrombie, 1949, 54); a noção de potestas supria até certo ponto no estudo gramatical o desconhecimento da noção de fonema. Uma letra sem *potestas* é uma letra muda (ex: h inicial em português (hoje) /o:zi/).⁹³

Goldenberg explica que as letras, segundo os gramáticos árabes, destacavam-se das vogais por serem entidades que não poderiam ser articuladas se não estivessem acompanhadas de vogal. Por esse motivo, as vogais eram chamadas de حَرَكَات /ḥarakāt/, pl. de حَرْكَة حَرْكَة ḥaraka “movimento/moção/mobilidade⁹⁴”⁹⁵. O “movimento” das vogais permitia que as letras pudessem ser articuladas. Letras que não estavam em movimento, isto é, não acompanhadas de vogal, eram vistas como se estivessem paradas, isto é, سֵאֲכִין סָאֲכִין sākin “em repouso”⁹⁶.

Por esse motivo Ḥayyūdj utiliza o verbo *movimentar*, na página 163 do *kitāb ‘al-nutaf*, para expressar que uma letra está acompanhada de vogal: “a letra está movimentada com *ḥataf qamats*” “הַחֲרָכָה עַל קוֹף בְּקִמְצָן חֲטָף” (BASAL, 2001). E, na página 229 do *opus citatum*, Ḥayyūdj faz uso do verbo *repousar* para informar que uma letra não estaria acompanhada de vogal “בְּסֵאֲכִין אֵלֶּהָ”, árab. *o het <ח> estaria em repouso*.

O grafema árabe: sukūn <◌◌> e as letras em “repouso” versus o shevá <◌◌> tiberiense

É importante destacar que, diferentemente do hebraico, a grafemática árabe possui um símbolo para representar as letras não acompanhadas de vogal, o سُكُوت *sukūn* <◌◌>. Por exemplo,

⁹³ (CAMARA JR., p. 244).

⁹⁴ O termo moção fazendo alusão às vogais encontra-se em português em “Os hebreos usam de pontos, a que chamão *moções*, em lugar das *vogaes*” (grifos nossos) (PAZ, 1826, p. 8).

⁹⁵ (SARA; MAUCK, 2005, p. 137).

⁹⁶ (GOLDENBERG, 2012, p. 59-63).

para indicar que o <מ> não está acompanhado de vogal, marcamos-no com <◌◌◌>, como em **הֵם** *hum* “eles”⁹⁷.

Quanto à grafemática desenvolvida para a escrita hebraica, na época de Ḥayyūdj existiam diversos sistemas massoréticos e cada qual tratava de modo diversificado a questão das letras não acompanhadas de vogal. O sistema grafemático tiberiense oferecia o *shevá* <◌◌◌> para marcar as letras não acompanhadas de vogal, todavia, o mesmo *shevá* <◌◌◌> também podia representar sons vocálicos furtivos segundo a leitura tiberiense ou sons vocálicos plenos, segundo a leitura andaluza. Por esse motivo, não seria possível comparar o **سكوت** *sukūn* <◌◌◌> árabe com o *shevá* <◌◌◌> tiberiense, mas apenas com o *shevá* <◌◌◌> “em repouso” ou o chamado de *shevá mudo* ou *quiescente*⁹⁸, mas com ressalvas, pois nem sempre o *shevá* <◌◌◌> *mudo* é marcado em letras não acompanhadas de vogal.

O termo **לַיִין לָתֵן** *layyin* “frágil”

Os conceitos de “letra”, “repouso” e “movimento” puderam ser verificados em gramáticas árabes modernas traduzidas para o português⁹⁹. O mesmo não pode ser dito quanto ao conceito da “fragilidade” introduzido por Ḥayyūdj.

Ḥayyūdj, conforme as gramáticas árabes, tratava de dois tipos de letras, aquelas em “movimento”, isto é, acompanhadas de vogal, e aquelas em estado **סָאֵיִן סָאֵיִן** *sākin* “em repouso”, isto é, não acompanhadas de vogal. A novidade de Ḥayyūdj foi em relação às letras não acompanhadas de vogal, pois ele distinguia entre (a) as letras proferidas foneticamente como o <◌> de **וַי** “brilho” que era realizado como /v/ na Andaluzia; e (b) as letras não proferidas

⁹⁷ (COWAN, 2006, p. 30).

⁹⁸ (ARAÚJO, 2005, p. 40, 131, 160 e 248).

⁹⁹ Uma referência é (COWAN, 2006).

foneticamente como o <ו> de לוֹ “para ele”. É importante destacar que textos antigos, de boa qualidade, acompanhados de sinais massoréticos, posicionavam o <וּ> /o/ a direita do <ו> /v/, assim: <וּ ו> como em לוֹ “para ele” e não sobre o <ו> /v/, perfazendo assim, um dígrafo <וּו>, como fazem os textos impressos atualmente.

Ḥayyūdj qualificava esses dois tipos de letra como סֵאֲכִין לַיִין s̄akin, pois as letras <ו> de וַי e de לוֹ não são acompanhadas de vogal. Todavia, para distinguir entre letras do tipo (b) e do tipo (a), Ḥayyūdj passou a qualificar a letra do tipo (b) como לַיִין לַיִין layyin, criando, assim, a locução adjetiva: סֵאֲכִין לַיִין לַיִין s̄akin layyin.

Logo, לַיִין לַיִין layyin “frágil” vem qualificar (ou talvez, especializar) o estado de סֵאֲכִין s̄akin “repouso” da letra que é apagada foneticamente, em oposição ao סֵאֲכִין s̄akin que não é לַיִין לַיִין layyin “frágil”, isto é, que é proferida.

Em suma, existem dois tipos de letras em repouso ou não acompanhadas de vogal: as proferidas “s̄akin não layyin” e as não proferidas “s̄akin layyin”.

A propriedade do סֵאֲכִין לַיִין לַיִין s̄akin layyin “repouso frágil”.

A letra definida סֵאֲכִין לַיִין לַיִין s̄akin layyin “repouso frágil” por não ser proferida tem uma propriedade que a destaca diante das letras restantes do alfabeto hebraico: a queda na escrita. Segundo esta propriedade estabelecida por Ḥayyūdj, as três grafias a seguir seriam consideradas corretas gramaticalmente: (a) מְחַטָּו; (b) מְחַטָּוָא; e (c) מְחַטָּא¹⁰⁰. Como as letras <א> e <ו> são mudas ou na linguagem de Ḥayyūdj estariam סֵאֲכִין לַיִין לַיִין s̄akin layyin “em repouso frágil” o seu emprego na escrita torna-se “facultativo” e por esse motivo, poderiam cair da escrita como acontece em (a) e em (c).

¹⁰⁰ (CÓDICE SASSON¹, folio 71).

Uma analogia do סָאִין לַיִין סָאִין לַיִין sākin layyin “repouso frágil” e suas propriedades em português

Para explicar a realização fonética das letras <ס, ה, ו, י> em “repouso frágil” vamos refletir na letra <s> que, em português, representa os fonemas /s/ ou /z/ dependendo do contexto sintagmático:

- (a) em <só> – o <s> está *móbil*, isto é, em movimento, pois está acompanhado de vogal;
- (b) em <os> – o <s> está em *repouso*, pois não está acompanhado de vogal, todavia é proferido como /s/ (ou /z/ dependendo do contexto sintagmático);
- (c) em <descer> – o <s> está em *repouso*, pois não está acompanhado de vogal.

Mas, por não ser proferido, pode-se dizer que o <s> está definido como se estivesse em “*repouso frágil*”.

Quanto à propriedade das letras em “repouso frágil” caírem da escrita vamos refletir nos seguintes pares da língua Portuguesa: asma e *asthma*; ciência e *sciência*; e assinatura e *assignatura*¹⁰¹. Nesses casos, o <h> do <th> de *asthma* deixou de ser proferido e caiu da escrita; o dígrafo <sc> e o <c> perderam sua distinção fonética e o <s> foi banido da escrita; o dígrafo <gn> e <n> perderam a distinção e o <g> foi banido da escrita.

Quanto à gramaticalidade de palavras com mais de uma grafia, reflitamos nos seguintes pares: aspecto e aspeto; contacto e contato; e corrupção e corrução¹⁰². O que esses três pares tem em comum? Duas grafias aceitas pela gramática portuguesa. No caso, poderíamos dizer o <c> e o <p> estariam em “repouso frágil”, pois podem cair da escrita. Entretanto, é preciso atentar que apesar da semelhança quanto à gramaticalidade das duas grafias, o caso do <p> e

¹⁰¹ (BECHARA, 2009, p. 92).

¹⁰² (BECHARA, 2009, p. 93).

<c> aqui mencionados diverge das letras <א, ה, ו, י> em repouso frágil. Em português, as duas grafias mencionadas refletem duas pronúncias aceitas, como em contacto /kontaktu/ e contato /kontatu/. Mas de acordo com o hebraico bíblico apresentado por Ḥayyūdj as três sequências¹⁰³ (a) מִקְטָטוּ; (b) מִקְטָטוּא; e (c) מִקְטָטָא são proferidas igualmente como /mexatô/.

O לָיִין סָאֵקִין לָיִין sākin layyin “repouso frágil” na literatura em português

A questão da tradução seria um detalhe e poderia ser ignorada se não fosse ofuscar um dos princípios da doutrina gramatical de Ḥayyūdj.

Em livros e em mecanismos de busca eletrônicos – como a ferramenta americana Google, a chinesa Baidu e a russa Yandex, além do Altavista e do Yahoo¹⁰⁴ –, não foram encontrados¹⁰⁵ textos em português que discutissem a questão do לָיִין סָאֵקִין לָיִין sākin layyin “repouso frágil”. Diante desse cenário, concluiu-se que o este estudo seria o primeiro, em língua portuguesa, a discutir sobre o “repouso frágil”.

Inicialmente adotou-se a paráfrase *quiescente*¹⁰⁶ *débil*¹⁰⁷ conforme a tradução para o espanhol oferecida por Delgado¹⁰⁸. Contudo, após uma análise crítica dessa tradução, percebeu-se que apesar de o termo *quiescente* etimologicamente significar “quieto” ou “em repouso” é utilizado na literatura brasileira moderna como sinônimo de “não articulado”, “não proferido” ou “mudo”¹⁰⁹. O sentido de “mudo” é sutilmente diverso de “repouso” (ou “não acompanhado

¹⁰³ (CÓDICE SASSON¹, folio 71).

¹⁰⁴ As palavras-chave utilizadas nas buscas foram *sākin layyin* e suas possíveis traduções em português como *quiescente débil* e *quiescente latente*. A última combinação foi encontrada em textos de biologia como sinônimos “*quiescente (latente)*”, cita-se o livro disponível no endereço <https://goo.gl/oAGfPg>, acessado em 29 de agosto de 2017.

¹⁰⁵ Prof. Leopoldo, no dia da defesa, a 8 de março de 2013, afirmou que de fato há uma lacuna na literatura em português quanto ao tema abordado na minha dissertação de mestrado.

¹⁰⁶ “*Quiescente*” com o sentido de quieto parafrasearia o termo árabe סָאֵקִין לָיִין *sākin* que segundo o dicionário árabe-hebraico significa morar, habitar, residir:

”מילון תלת-לשוני שימושי ערבי-עברי לערבית ולערבית מדוברת, 2005) (מִשְׁפָּחַן (מִשְׁפָּחַת) גָּר (גָּרָה) .” (p. 343).

¹⁰⁷ No dicionário árabe-hebraico encontra-se לָיִין לָיִין *layyin* com o sentido amolecer:

”מילון תלת-לשוני שימושי ערבי-עברי לערבית ולערבית מדוברת, 2005) (לָיִין: הִגְמִישׁ, רָכַךְ” (p. 564).

¹⁰⁸ Por exemplo em (DELGADO, 2005) e (DELGADO, 2004);

¹⁰⁹ “o sh^evá *quiescente*, isto é, *mudo*” (grifos nossos) (ARAÚJO, 2005, p. 160). A mesma ideia aparece em outras

de vogal”) empregado nas gramáticas árabes e por Ḥayyūdj. As qualificações “mudo” e “quiescente” em português são atribuídas às letras não proferidas como o <h> de “haver” /aver/ e o <s> de “descer” /deser/. Não seria correto qualificar como “mudo” ou “quiescente” o <s> no plural do artigo definido feminino “as” ou o <ḥ> de הַי “brilho”, pois são proferidos, apesar de não serem acompanhados de vogal.

Os critérios para a tradução de سَاكِنٌ لַיְיִן سَاكِنٌ لַיְיִן sākin layyin

Pelo motivo exposto no tópico anterior, buscou-se uma tradução em língua portuguesa mais assertiva, adequada, que não induzisse a erros e que se enquadrasse nos critérios seguintes:

- (a) os termos precisavam ser comuns a literatura moderna;
- (b) a sequência de termos adotada deveria corresponder literalmente ao original em árabe;
- (c) a tradução precisava refletir a dicotomia de *movimento* e *repouso/descanso* existente na literatura árabe para qualificar حَرْفٌ هָרַף *ḥarf* “letra”;
- (d) os termos da expressão adotada não deveriam colidir com qualificadores como كَافِيٌّ خَفِيٌّ *khafi* “oculto(a)” em sequências como: سَاكِنٌ لַيְيִן خَفِيٌّ كَافِيٌّ *sākin layyin khafi*. A tradução difundida em inglês *latent quiescent*¹¹⁰ cria inconscientemente uma sequência de três sinônimos, visto que *latent* e *quiescent* podem ser sinônimos de “oculto”¹¹¹.

palavras no (ARAÚJO, 2005, p. 40, 131 e 248).

¹¹⁰ (NUTT, 5630/1870), (BASAL, 1999, p. 227, nota 4), (BASAL, 2013).

¹¹¹ A tradução de لַيְיִן خَفِيٌّ *layyin khafi* como “latente” em inglês dificulta a tradução de كَافِيٌّ خَفِيٌّ *khafi* como “oculto”, pois latente e oculto basicamente são sinônimos, logo a sequência “repouso latente oculto” seria equivalente a dizer “repouso oculto oculto” ou “repouso latente latente”. Segundo Goldenberg, de fato, لַيְיִן خَفِيٌّ *layyin khafi* fazem referência à mesma coisa, todavia é um equívoco afirmar que são sinônimos. Segundo Goldenberg, Prijs errou ao afirmar que, também, لַיְיִן خَفِيٌّ *layyin khafi* é sinônimo de سَاكِنٌ لַيְיִן *sākin layyin*, pois desta maneira a sequência “repouso latente oculto” equivaleria a “oculto oculto oculto” ou “latente latente latente”. (GOLDENBERG, 1979-1980, p. 289, nota 23). Para Basal é difícil de entender como orientistas de renome do séc. XX não trataram adequadamente um conceito tão importante da doutrina gramatical de Ḥayyūdj (BASAL, 1992, p. 67).

- (e) à medida do possível não gerar uma sequência cacofônica como “muda fraca” que pode remeter a agricultura.

As sequências possíveis para traduzir לָיִין סָאֵקִין לָיִין *sākin layyin* para qualificar חָרֵף *ḥarf* “letra” seriam estas:

- (a) “letra muda frágil”;
- (b) “letra muda fraca”;
- (c) “letra em repouso frágil”;
- (d) “letra em repouso fraco” (fraco no masc., pois qualifica repouso);
- (e) “letra em descanso frágil”; e
- (f) “letra em descanso fraco” (fraco no masc., pois qualifica descanso).

As expressões mais assertivas seriam:

- (a) “letra em descanso fraco”; e
- (b) “letra em repouso fraco”.

De fato, a sequência “repouso frágil” atende a todos os requisitos supracitados:

- (a) “repouso” e “frágil” são termos comuns;
- (b) “repouso” traduz literalmente סָאֵקִין *sākin* e “frágil” corresponde a לָיִין *layyin*;
- (c) “repouso” contrasta com movimento/moção/mobilidade como em árabe¹¹²;
- (d) a expressão לָיִין סָאֵקִין לָיִין *sākin layyin* *khafi* poderia ser tranquilamente traduzida como “repouso frágil oculto”;
- (e) “repouso frágil” não soa cacofônico como soaria “muda fraca” ou “muda frágil”

¹¹² “Quiescente” com o sentido de mudo não forma uma dicotomia com movimento/moção/mobilidade. Confrontando-se o par *quiescente* (ou *mudo*) e *móbil* diante do par *repouso* e *móbil* nota-se a diferença.

Bibliografia

- ARAÚJO, R. G. *Gramática do Aramaico Bíblico*. São Paulo: Edições Targumim, 2005.
- ASHTOR, E. *The jews of Moslem Spain*. Tradução Aaron Klein e Jenny Machlowitz Klein. Illinois: Varda Books, 2004. v. I.
- BASAL, N. *The grammatical theory of Rabbi Judah Hayyuj, a introduction, phonetics and phonology, morphofology* (hebr.) – Tese de Doutorado. Bar-Ilan. Ramat. 1992.
- _____. The concept of compensation ('IWADITA'WID) as used by Yehuda Hayyuj in comparison with Sibawayhi). *Journal of Semitic Studies*, Oxford, v. XLIV, n. 2, p. 227-243, 1999.
- _____. Latent Quiescent. In: KHAN, G. *The Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics*. Holanda: Brill, 2013.
- _____. (tradutor e editor). *Kitab Al-Nutaf by Judah Hayyuj* (árabe). Tel-Aviv: Tel Aviv University, 2001.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; Editora Lucerna, 2009.
- BECKER, D. *Linguistic rules and definitions in Ibn Janāḥ's "Kitāb Al-Luma' (Sefer Ha-Riqmah)" copied from the arab grammarians*. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, 1998.
- _____. *Meḳorot 'Arviyim shel 'Sefer ha-Hashya'ah ben ha-'Ivrit yeha-'Arvit' le-Yitshaḳ ben Barun* (hebr. e árabe). Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, 2005.
- CAMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática referente a Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1973.
- COWAN, D. *Gramática do Árabe Moderno*. Tradução Safa Jubran. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.
- DELGADO, J. M. (editor, tradutor e prefácio). El opúsculo sobre la normativa vocálica (*kitāb šurūt al-naqt*) de Hayyūy (Edición y Traducción) (árabe e espanhol). *MEAH*, Granada, v. 54, p. 185-230, 2005.
- _____. (tradutor e prefácio). *El libro de Hayyūy (versión original árabe del siglo X)*. Granada: Universidad de Granada, 2004.
- DERENBOURG, J. (editor). *Opuscules et traités d'Abou 'l-Walid Merwan Ibn Djanah de Cordoue* (francês e árabe). Paris: Imprimerie Nationale, 1880.
- DUKES, L. (editor, tradutor e prefácio). *Grammatische Werke des R Jehuda Chajjug (Beiträge zur Geschichte der aeltesten Auslegung und Spracherklärung des Alten Testamentes)* (hebr. e alemão). Stuttgart: A. Krabbe, 1844.
- ELDAR, I. Hebrew philology between the east and Spain: the concept of derivation as a case study (hebr.). *Journal of Semitic Studies*, Oxford, v. XLIII, n. 1, p. 49-61, 1998.
- FILIPOWSKY, H. (editor e prefácio). *Hebraicae et Caldaicae Lexicon* (hebr.). Londond-Dinburg: [s.n.], 1854.
- GOLDENBERG, G. On the Weak (Feeble) Quiescent and the Hebrew Root (hebr.). *Lěšonénu*, Jerusalém, v. 44, p. 281-292, 1979-1980.

_____. Principles of semitic word-structure. *Studies in Semitic Linguistics*, Jerusalém, p. 10-45, 1998.

_____. The treatment of vowel length in arabic grammar and its adaptation to hebrew. *Studies in Ancient and Oriental Civilization – Language and nature: paper presented to John Huehnergard on the occasion of his 60th birthday*, Chicago, v. 67, p. 59-68, 2012.

GRAETZ, H. *Divrei Iemei Israel* (hebr.). Tradução א. ש. קמנצקי. Tel-Aviv: Izreel Publishing House Ltd., 5720/IV.

JASTROW, M. *A dictionary of the Targumim, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic literature*. London: Luzac, 1903. v. II.

KIRSCHBAUM, S. *Presença judaica na Idade Média Ibérica: a poesia laica e o idioma hebraico*. São Paulo: Targumim, 2008.

LIPPMANN, G. H. (editor) *Séfer Tsaḥot HaLashon* (hebr.). Fuerth: Zurndorfer, 1827

MAS, M. A. *kitab al-Muhadara wal-mudaqara – Mose Ibn ‘Ezra, Edición e Traducción* (árabe e espanhol). Madrid: CSIC, 1986. v. II.

MORAG, S. *Qehilot Sefarad weHaMassoret HaLeshonit Shel HaLashon HaIvrit* (hebr.). Jerusalém: Magnes Press, 1992. p. 81-94.

_____. Qehilot Sefard uMassoret HaHaga‘yá shel Tveria: HaTequfá HaRishoná" (hebr.). In: M. G.-G. E. A. *Shay leHayyim Rabbin – Studies on Hebrew and other Languages Presented to Prof. Chaim Rabin*. Jerusalém: [s.n.], 5751. p. 203-229.

NEUBAUER, A. (Ed.). סדר החכמים וקורות הימים – אגרת לרבינו שרירא גאון וספר הקבלה לרבי אברהם בן (Ed.). *Seder HaKhakhamim WeQorot haYamim-Iggeret leRabenu Sherira Ga'on weSéfer haQabbala leRabbi 'Avraham Ben David ve'Od Liqutim 'Aherim* (hebr.). Oxford: Clarendon Press, 1888. v. I.

NUTT, J. W. (editor, tradutor, prefácio). *Two Treatises on Verbs containing Feeble and Double Letters by R. Yehuda Hayug of Fez, Translated into Hebrew from the original Arabic by R. Moseh Gikatlia of Cordova; to which added the Treatise on Punctuation by the same Author translated by Abenz Ezra*. (hebr., árabe e inglês). Londres-Berlin: Leipzig, Oskar Leiner, 5630/1870.

PATÓN, J. L.; SÁENZ-BADILLOS, Á. *Abraham Ibn ‘Ezra – Sefer Moznaim* (hebr. e espanhol). Córdoba: Ediciones El-Almendro, 2002.

PAZ, F. *Compêndio dos principios da grammatica hebraica: no qual se explicão breve e claramente as regras fundamentaes desta lingua*. 2. ed. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1826.

PHILLIPSON; JOST; JELLINEK. *Ouvrage grammatical du XIme siecle de Jona Ben Gannach (Aboul-Walid Merwan Ibn Djanah) Traduit de l'arabe en hébreu par Jehuda Ibn Tibbon* (hebr.). Frankfurt: [s.n.], 1856.

PINSKER, S. *Likute Kadmoniot* (hebr. e espanhol). Viena: [s.n.], 1860.

ROBLES, S. B. (editor e tradutor). *Tešubot de los Discipulos de Menaḥem ben Saruq contra Dunash ben Labrat* (hebr. e espanhol). Granada: Universidade Pontífica de Salamanca, 1986.

SÁENZ-BADILLOS, Á. (editor, tradutor e prefácio). *Maḥberet Menaḥem*. Edición Crítica, introducción y notas por Angel Saenz-Badillos (hebr. e espanhol). Granada: Universidade de Granada, 1986.

_____. *Storia della lingua ebraica* (italiano). Brescia: Paideia, 2007.

- SÁENZ-BADILLOS, Á.; TARGARONA BORRAS, J. *La Academia Rabinica de Córdoba: gramáticos hebreos de Al-Andalus (siglos X-XII)*. 2. ed. Córdoba: El Almendro de Córdoba S.L., 2003.
- SARA, S. I. (Tradutor, editor e autor); MAUCK, S. M. (tradutor, editor e autor). *Yehuda ben Dauwd Hayyuj, Tanqīṭ a Treatise on Hebrew Vowels*. (hebr., árabe e inglês). Munique: Lincom Europa, 2005.
- SIVAN, D. *Biblical hebrew roots and quiescents according to Judah Hayyuj's works* (hebr.). Hebrew Union College Annual, p. 115-127, 1989.
- STERN, S. G. (editor e prefácio). *Responsium discipulorum R. Menahem ben Saruq, i.e. Ben Kafron, Jehuda b. David, Isaak Ibn Chiquitilla contra Responsiones Dunash b. Labrat, Levitae, qui a praedicto R. Menahem in grammaticis dissensit* (hebr.). Viena: Apud Editorem, 1870. v. I, p. 3-104.
- TENE, D. *Sefer HaHassaga which is kitab al-mastalḥaq of Rabbi Jonah Ibn Janah in the hebrew translation of Obadia HaSefaradi* (hebr.). Jerusalém: The Academy of Hebrew Language, The Bialik Institute, 2006.
- VALLE RODRÍGUEZ, C. *La Escuela Hebrea de Córdoba*. Madrid: Editora Nacional, 1981.
- _____. *El diván poético de Dunash ben Labrat: la introducción de la métrica árabe*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto de Filología, 1988.
- _____. *Nova et vetera grammaticae hebraicae historia II: la lista de gramáticos hebreos del Sefer Moznaim*. *Helmantica*, Salamanca, v. 51, n. 154, p. 189-198, 2000.
- _____. *Historia de la gramática hebrea en España*. Madrid: Aben Ezra Ediciones, 2002. v. I.
- VALLICROSA, J. M. M. *Literatura hebraicoespañola*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- VARELA MORENO, M. A. *Tešubot de Yehudi ben Šešet* (hebr. e espanhol). Granada: Universidad de Granada, 1981.
- WILENSKY, M. (comentários); TENE, D. (editor). *Sefer HaRiqma (kitab al-luma') le-Rabbi Yona Ibn Djanah beTargumo Ha-Ivri shel Rabbi Yehuda Ibn Tibbon*. Jerusalém: The Academy of Hebrew Language, 1964.
- ש, אברהם מסון, מפי בעלי לשונות. *אברהם מסון*, 1988. Jerusalém: Mossad Harav Kook.
- מילון תלת-לשוני שימושי ערבי-עברי לערבית ספרותית ולערבית מדוברת. Rosh haAin: Prolog, 2005.
- ב. מ. מ. קרענגיל, שם הגדולים למרחן חיים יוסף דוד אזולאי. *Šem HaGuedolim leMaran Rabbi Haim Yossef David Azulay* (hebr.). Jerusalém: המוסד לעידוד תלמוד תורה (haMossad leIdud Talmud Torā), 5754.

Bibliografia específica (em ordem cronológica)

Maḥberet Menaḥem. Menaḥem Ben Saruq (séc. X).

Tešubot Yehudi Ben Šešet, Críticas de Yehudi Ben Šešet. Yehudi Ben Šešet (séc. X).

Tešubot Talmidê Menaḥem Ben Saruq, Críticas dos Alunos de Menaḥem Ben Saruq. Alunos de Menaḥem Ben Saruq (séc. X).

kitāb ‘al-Tanqīṭ, Livro sobre os Sinais Massoréticos (ou Vocalização ou Pontuação). Nomes alternativos *kitāb šurūt ‘al-naqṭ, Livro sobre a Normas de Vocalização; kitāb ‘al-naqṭ; kitāb ‘al-nuqat*). Ḥayyūdj (sec. X). Versão em hebraico: *Sēfer HaNiqqud, Livro sobre os Sinais Massoréticos (ou Vocalização ou Pontuação)*. ‘Avraham Ben ‘Ezra (séc. XII).

kitāb ‘al-af‘al ḡawat ‘al-ḥurūf ‘al-līn wa-l-madd (ou kitāb ‘al-līn), Livros sobre os Verbos com Letras Frágeis e de Prolongação. Ḥayyūdj (sec. X). Versão em hebraico: *Sēfer ‘Otiot HaSeter WeHaMešek, Livro sobre as Letras de Ocultação e de Prolongação. Moše Ibn Giqatilla (sec. XI). Sēfer ‘Otiot HaNoaḥ, Livro Sobre as Letras em Repouso [Frágil] (ou Sēfer HaNuaḥ, Livro Sobre o Repouso [ou Frágilidade])*. ‘Avraham Ben ‘Ezra (sec. XII).

Kitāb al-‘Af ‘āl Dhawāt al-Miṭlayn (ou kitāb ‘al-miṭlayn, Livro sobre as (Letras) Duplicadas), Livro Sobre os Verbos com Letras Duplicadas. Ḥayyūdj (sec. X). Versão em hebraico *Po‘ale HaKefel*. Moše Ibn Giqatilla (sec. XI); *Po‘alē HaKefel, Livro Sobre as Letras Duplicadas*. ‘Avraham Ben ‘Ezra (sec. XII).

kitāb al-Nuṭaf. Ḥayyūdj.

kitāb ‘al-mustalḥaq. Ibn Djānaḥ (sec XI). Versão em hebraico: *Sēfer HaHassagá, Livro da Crítica*. ‘Obadia HaSefaradí.

kitāb ‘al-luma‘. Ibn Djānaḥ (sec XI). Versão em hebraico: *Sēfer HaRiqma*. Yehudá Ben Sha‘ul Ibn Tibbon (sec. XII).

kitāb ‘al-Muhadara Wal-Mudakara. Moshê Ben ‘Ezra (séc. XI-XII).

Sēfer Moznaim, Livro da Balança (ou Moznê Lešon HaQodeš, Livro da Balança da Língua Sagrada). ‘Avraham Ben ‘Ezra (séc. XII).

Sēfer Tsaḥot HaLašon, Livro da Eloquência. ‘Avraham Ben ‘Ezra (séc. XII).

Sēfer HaQabbalá, Livro da Tradição. ‘Avraham Ibn Dāwūd (séc XII).